



A ANGÚSTIA FAZ FALAR.

Beatriz Oliveira

Com este trabalho, gostaria de colocar o tema deste Encontro “Como fazer a angústia falar?” sob outra perspectiva, a de que a angústia faz falar, provoca a fala.<sup>1</sup> Esse é um entendimento que tenho desde a segunda teoria da angústia em Freud, na qual se esclarece que aquela é anterior à repressão, passando pelos desenvolvimentos de Lacan no Seminário X ao situar a angústia entre o gozo e o desejo. Parece-me interessante pensar a angústia como o afeto que leva o sujeito a falar, ou seja, a buscar no significante uma saída para isso que não engana e não é sem objeto.

A partir dos anos 70, a angústia advém como medo de nos reduzirmos ao nosso corpo. Nessa mesma época, Lacan tratará o gozo justamente como sendo a relação do falasser com seu corpo, um corpo de que se goza<sup>2</sup>. Em que medida estes desdobramentos permitem avançar nessa tese que retiro da clínica: é da angústia que o sujeito parte para sair dessa ameaça de redução ao próprio corpo?

Nessa época, Lacan buscará cernir este campo que se abriu com a própria entrada na linguagem: o campo do gozo. Não estamos falando mais do campo da linguagem apenas como o que negativiza o lugar do sujeito, tal como Lacan formulou nos anos sessenta, mas também como o que provoca um outro efeito além desta mortificação, que fica positivado ali onde o significante fez marca: o gozo. O campo do gozo se torna então fundamental para entendermos o que anima, o que dá vida de fato a esse sujeito.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> “Devo o esclarecimento acerca da origem da angústia infantil a um menino de três anos a quem certa vez ouvi pedir, desde o quarto onde o haviam colocado no escuro:

- Tia, me fale; tenho medo porque está muito escuro.

E a tia lhe provoca: O que ganha com isso? Ainda assim não pode me ver.

Mas ele responde: Não importa, há mais luz quando alguém fala” (FREUD, “Três ensaios sobre as teorias sexuais infantis”, p.203, nota de rodapé)

<sup>2</sup> “Do que temos medo? Do nosso corpo. É o que manifesta esse fenômeno curioso que nomeei angústia. A angústia é justamente algo que se situa em outro lugar no nosso CORPO. É o sentimento que surge dessa desconfiança que nos acomete ao nos reduzirmos ao nosso corpo...” (A Terceira, p.67)

<sup>3</sup> “A dimensão inteira do gozo, isto é, a RELAÇÃO DESSE SER FALANTE COM SEU CORPO- pois não há outra definição possível do gozo – é nesse nível que está a questão” (Sem XX, p 36 – edição CEF)



A partir de então, o gozo se refere à relação do ser falante com seu corpo. Lacan faz uma aproximação clara entre corpo e gozo ao dizer que “A substância do CORPO é aquilo de que se goza. Propriedade do corpo vivo, sem dúvida, mas nós não sabemos o que é estar vivo, senão apenas isso, QUE UM CORPO, ISSO GOZA”<sup>4</sup> E ainda: “ISSO só se goza por corporificá-lo de maneira significativa”.<sup>5</sup> Trata-se então de um corpo-substância com que se goza a partir do próprio significante. Ora, se acompanhamos que é necessário um corpo para que se goze, porque Lacan vai localizar a angústia justamente aí, no medo que teríamos de ficarmos reduzidos ao nosso corpo? O que significa “ficar reduzido ao corpo”? Seria estar reduzido ao gozo de um órgão sem o significante que o acompanha?

Para responder esta questão, há que se entender como fazer para ter um corpo.

Lacan parte então do fato de que a impossibilidade da relação sexual, esse furo estruturante dado de saída pela castração primária é o que engendrará por um lado, a insondável decisão do ser em relação à sua existência sob o imperativo significante que FUNDA e FUNDE o Um da identificação ao Outro, e por outro, o ser sexuado, cuja via de gozo está determinada pela função fálica. Para todo ser falante, não há outro sexo, a lógica que a topologia da linguagem impõe é a lógica do Um ao qual eles estão não-todos submetidos. Lacan dirá: “Não existe segundo sexo, a partir do momento em que entra em funcionamento a linguagem. Ou seja, o *heteros* se esvazia como ser para a relação sexual. É precisamente este vazio por ele oferecido à fala que chamo de lugar do Outro, ou seja, aquele em que se inscrevem os efeitos da referida fala”.<sup>6</sup>

Entendo que esses efeitos da fala são o que permite a construção deste corpo com o qual se goza. São “marcas-palavras”<sup>7</sup>, efeitos de *lalíngua*, que advêm do banho de linguagem e fabricam um corpo através da “coalescência entre a realidade sexual e a linguagem”

---

<sup>4</sup> Sem XX p.35

<sup>5</sup> Idem, p.35

<sup>6</sup> Sem XX, p.93

<sup>7</sup> “O certo é que nesse *ter um corpo* se inscrevem as marcas – consistentes ou não- dessa forma falada porque o inconsciente vai deixando as *marcas-palavras*. Com isso se fabrica um corpo (...)” (BERTAS, “Ser um corpo – ter um corpo” in Diagnosticar em Psicanálise. Ed. Escuta, São Paulo, 2020. p.61)



como dirá Lacan em 75<sup>8</sup>. Entendo que a coalescência é resultante de um acontecimento contingente que dá origem a uma série significativa.

Assim, a única possibilidade de gozo de um corpo é pela via significativa, o que implicará sempre em uma impossibilidade de um gozo absoluto. É justamente quando algo nisso vem a falhar, ou quando a falta da falta se aproxima e poderemos ser reduzidos ao corpo sem o recobrimento da palavra, que a angústia aparece como sinal de alerta. Dirá C. Soler: “Assim, a angústia, afeto detector que responde a cada advento do Real, é de maneira patente um sentimento de reduzir-se ao corpo, destituição subjetiva na vida sexual, mas também nos avatares da civilização”.<sup>9</sup>

Para concluir. Estou entendendo que este corpo ao qual o falasser pode ficar reduzido não é o corpo imaginário amarrado ao sentido. Trata-se da consequência de um evento índice de um Real fora da linguagem e do imaginário, da presença de um gozo autônomo sem palavra. Diante desse advento do Real, quando nos vemos reduzidos ao corpo desenlaçado do sentido, resta-nos buscar uma nova série significativa, efeito de uma outra coalescência. Por isso propus que a angústia faz falar.

Não por acaso Hans criou sua “bobagem”, esta acoplou gozo sexual e palavra num sintoma fóbico. Não por acaso acompanhamos essa independência entre corpo e palavra nos sujeitos ditos autistas. Não por acaso sujeitos angustiados procuram o Outro para falar. Menos mal quando encontram um psicanalista.

---

<sup>8</sup> “O fato de que uma criança diga talvez, ainda não, antes mesmo de ser capaz de construir verdadeiramente uma frase, prova que há algo nela, uma peneira que se atravessa, através a água da linguagem chega a deixar algo para trás, alguns detritos com os quais brincar, com os quais necessariamente terá que desembaraçar-se. (...) Graças a isto ele irá fazer a coalescência, por assim dizer, dessa realidade sexual e da linguagem” (Conferência em Genebra sobre o Sintoma, 1975)

<sup>9</sup> SOLER, C. – Os afetos lacanianos. P.45